

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



TCC/UNICAMP
C14I
1290003859/FE

ANA CAROLINA MARQUES CAMARA

**A INFLUÊNCIA DA CLASSE SOCIAL NA ROTINA E
NOS PROCESSOS SOCIALIZADORES QUE
ACONTECEM COM CRIANÇAS DE DUAS CRECHES EM
CAMPINAS.**

CAMPINAS

2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

+ 217 00000000

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA CAROLINA MARQUES CAMARA

**A INFLUÊNCIA DA CLASSE SOCIAL NA ROTINA E
NOS PROCESSOS SOCIALIZADORES QUE
ACONTECEM COM CRIANÇAS DE DUAS CRECHES EM
CAMPINAS.**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da Unicamp, para obtenção do
título de Bacharel em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Dra. Ana Almeida
Fonseca de Almeida.

CAMPINAS

2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

| | |
|--------------|-------------|
| UNIDADE..... | FE |
| Nº CHAMADA: | TCC UNICAMP |
| | C. M. i |
| V:.....EX: | |
| TOMBO: | 3859 |
| PROC.: | 148109 |
| Cl:.....D X | |
| PREÇO: | 11,00 |
| DATA: | 02/04/09 |
| Nº CPD: | 736697 |

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

C14i Camara, Ana Carolina Marques.
A influência da classe social na rotina e nos processos socializadores que acontecem com crianças de duas creches em Campinas / Ana Carolina Marques Camara. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Ana Maria Fonseca de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação infantil. 2. Grupos sociais. 3. Processo educativo. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-556-BFE

*Aos meus avós,
que antes de eu nascer já praticavam a arte de educar.*

AGRADECIMENTOS.

À Deus por ser minha confiança de que tudo daria certo;

À meus pais, que me deram apoio em todos os momentos da minha graduação e da minha vida, foram minha fonte de tranquilidade em todos os momentos difíceis;

Aos meus 4 irmãos cada um do seu jeito, fazem a minha vida muito mais feliz;

À minha irmã que torna as coisas muito mais fáceis de entender;

Ao Daniel obrigada por agüentar as partes mais chatas e fazer toda a diferença na minha vida;

Às minhas amigas da faculdade que são o que de mais precioso eu consegui durante a graduação. Um brinde às meninas da Pedago!

Às minhas amigas de casa, as que realmente fizeram a diferença durante toda a graduação e nesse último ano. À Karina e à Giovanna, especialmente, muito obrigada por esse ano;

À toda minha grande família tios, tias primos e primas, que sempre torcem por mim;

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida e a segunda leitora deste trabalho Profa. Dra Silvia Rocha, obrigada pela paciência e dedicação.

RESUMO:

Esta pesquisa procura fazer uma comparação entre os diferentes tipos de experiências educativas oferecidas por uma creche municipal, que atende famílias de classe popular, e uma creche privada, que atende famílias de classe média. As duas creches realizam atividades muito parecidas, entretanto possuem rotinas diferentes e as crianças de mesma faixa etária, assim como suas professoras, comportam-se de maneira bastante diversa em cada instituição. Para construir a problematização, apoiei-me bastante no trabalho desenvolvido por Annete Lareau (2007) sobre as diferenças entre as classes sociais na criação dos filhos. A partir da maneira como os pais educam seus filhos, Lareau define os conceitos “cultivo orquestrado” e “crescimento natural” que utilizo como ferramentas para compreender o contexto socializador em cada uma das creches. Por meio de observações prolongadas, estudo dos documentos produzidos pelas duas instituições, questionários e entrevistas, foi possível identificar uma polarização das experiências educativas em termos muito próximos aos relatados por Lareau (2007). O “cultivo orquestrado” é mais presente na educação das crianças que freqüentam a creche particular. Ali as diretrizes disciplinares são mais negociadas e as atividades das crianças são controladas e acompanhadas em praticamente todos os momentos. O “crescimento natural” é mais presente na educação das crianças que freqüentam a creche municipal. Ali as diretrizes disciplinares são impostas de forma mais direta e deixa-se significativamente mais tempo para as brincadeiras livres.

Palavras chaves: Educação Infantil, Grupos sociais, Processos Educativos.

ÍNDICE:

PÁG.

| | |
|------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 03 |
| 2. DUAS ESTRUTURAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 15 |
| 2.1 Situação Legal..... | 15 |
| 2.2 Estruturas Físicas..... | 17 |
| 2.3 Organização do trabalho..... | 20 |
| 3. DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 25 |
| 3.1 Rotinas: | 25 |
| 3.1.1 Atividades propostas;..... | 25 |
| 3.1.2 Disciplina;..... | 30 |
| 3.1.3 A construção da pessoa e do mundo..... | 32 |
| 3.2 Família e escola..... | 34 |
| 4. CONCLUSÃO..... | 39 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 41 |

1. INTRODUÇÃO.

Esta pesquisa iniciou-se em 2007, quando freqüentei uma creche pública mantida pelo município de Campinas para completar minhas horas de estágio obrigatório para a faculdade. Como já desenvolvia há mais de um ano um trabalho assalariado, desenvolvia de forma assalariada como “estagiária”, isto é, professora não formada, em uma creche privada. Construí a pesquisa como uma comparação acerca das diferenças de comportamentos apresentados pelas crianças e pelas suas cuidadoras em cada instituição, procurando enxergar os efeitos de tais diferenças sobre as mensagens socializadoras transmitidas às crianças em cada um dos ambientes em foco. A partir do trabalho realizado por Annete Lareau (2007), fiz uma análise da rotina e das relações estabelecidas em cada ambiente escolar, apresentada nos capítulos a seguir.

A diferença entre o que acontece numa e noutra creche pode ser rapidamente apresentada a partir de algumas passagens incluídas em meu caderno de campo logo no primeiro mês em que iniciei minhas observações sistemáticas da rotina das duas creches. Apresento a seguir duas situações vivenciadas no horário do almoço nas duas creches.

“As crianças de dois anos brincavam no parque sombreado por uma grande árvore. Algumas faziam castelos de areia, outras desciam pelo escorregador ou brincavam na casinha de brinquedo que havia ali, imaginando fazer comidinhas. Nesse momento, a monitora Cláudia¹, interveio: “Turma dos Insetos, vamos almoçar!”

Algumas crianças logo atenderam o chamado, mas outras continuaram com a mesma brincadeira. As que vieram foram instruídas a ir para o banheiro lavar as mãos e seguiram acompanhadas pela Karina, diretora da escola que normalmente passa as manhãs com essa turma. Enquanto isso, a Cláudia foi buscar quem não tinha vindo. Alexandre brincava na casinha e não queria ir

¹Assim são chamadas as professoras de cada turma desta creche privada, a maioria delas ainda estudantes de Pedagogia,

almoçar. Ela se dirigiu a ele: "Vamos Alexandre, agora é hora de comer, depois você vai ficar com fome!"

Ao ouvir isto, Alexandre saiu correndo para o refeitório. Bruno e João estavam brincando lá embaixo no tanque de areia. Apesar de terem ouvido Cláudia chamar, continuaram sua brincadeira. Dava para perceber que prestavam atenção ao movimento dela, pois, quando ela se aproximou, saíram correndo. Cláudia foi atrás do João, pegou-o no colo, explicou com calma mas com firmeza, que era hora de almoçar e se encaminhou, com ele ainda no colo, para o refeitório. João chorava, dizendo que não queria ir. Movimentava-se, tentando sair do colo. Ela o colocou no chão e falou com a voz suave:

"Calma, João. Não precisa ficar nervoso. Agora é a hora do almoço, você não quer almoçar?" João, visivelmente mais calmo, respondeu bem baixinho: "Quero". Cláudia retrucou: Então vá ao banheiro lavar as mãos. João olhou para ela: "Mas, e o Bruno?" Cláudia explicou: "Vou buscá-lo agora." E dirigiu-se novamente para o pátio. Bruno ria muito, correndo de um lado para outro. Ela se aproximou e pegou-o no colo: "Hora de almoçar. Mais tarde você pode brincar mais."

Chegando ao refeitório, Bruno jogou-se no chão e ficou lá deitado, sem dizer nada.

Cláudia tentou levá-lo, chamando para lavar as mãos: "Bruno... Bruno vamos lavar as mãos para comer, sua mão está muito suja de terra".

Mas ele nem se mexeu e fez força para ficar no chão. Várias crianças que já haviam lavado as mãos estavam sentadas à mesa e Cláudia passou a servi-las, o cardápio nesse dia era arroz, lentilha, carne moída e salada de alface e tomate. Ela perguntava a cada uma o que queria comer mas, ao mesmo tempo, as incentivava a comer de tudo. Quando todos já haviam lavado as mãos, a diretora da escola, Karina, veio ao refeitório e foi conversar com Bruno que ainda estava no chão. Perguntou a ele o que havia acontecido, mas ele não respondeu. A Cláudia então lhe contou: "Ele não queria vir almoçar tive que correr atrás dele e quando chegou aqui já começou com essa birra! Não sei por que ele não quer comer."

Karina: Bruno levanta já do chão! Se você quer fazer birra então vai lá pra sala aqui ninguém quer ficar vendo sua birra.

Bruno levanta e ela abaixa na direção dele e tenta conversar:

Karina: O que foi Bruno? Porque você está bravo?

Ele não fala nada e ameaça se jogar outra vez e ela diz: "Bruno se você vai fazer birra pode sair do refeitório, aqui é lugar de comer, você não vai querer sua comida? É a hora do almoço agora. Você deve estar com fome e com sede quer água?". Bruno não responde nada. E ela insiste: "Sente-se aqui vou trazer seu prato."

Ela o coloca sentado à mesa pega um prato de comida e o ajuda a comer, colocando a comida no garfo e depois na boca do garoto. Enquanto isso, tentava vencer a resistência:

Karina: Você precisa comer tudo para ficar muito forte. Olha só o Diego vai virar o Super-homem, quem você vai querer ser?

Continuando a dar comida para Bruno, ela começa a contar uma história. Todas as crianças comem e prestam atenção na história do Super-Homem que vai sendo contada numa voz calma, pausada, mas com bastante expressão. Enquanto isso, Cláudia serve as crianças que pedem mais comida ou bebida, e ajuda algumas delas a comer. Algumas pedem ajuda outras não.

Quando acabou o suco do copo de Sérgio, ele pega o suco do amigo para tomar e este reclama: “Cláudia, ele pegou meu suco!” Cláudia intervém com voz calma mas firme: “Não faça isso, Sérgio! Quando você quiser suco peça para mim ou para a Karina, não pegue o do amigo.” E, mudando o tom de voz: “Você quer mais suco?” Sérgio responde: “quero”. Ela o atende: “está aqui, quando quiser mais é só pedir.”

Sérgio pega o copo de suco, vira-o na mesa e fica observando o suco escorrer. Cláudia, muito brava, pois não é a primeira vez que ele faz isso, briga com ele: “Não faça isso Sérgio! Se toda vez que a gente te der suco você for jogar na mesa não vamos mais dar. É para beber o suco e não para jogar fora. Olha só a sujeira que você fez! Agora vou pegar um pano e vamos limpar, não podemos sujar a mesa, mais amigos vêm comer.”

Cláudia pede um pano para a cozinheira e, enquanto limpa a mesa, pede ajuda para Sérgio: “Olha só a sujeira que você fez! Ajude-me a limpar, venha!” e Sérgio responde: “Eu limpo! Deixa eu limpar.”

E tenta pegar o pano da mão da Cláudia que diz que é para ele ajudá-la, os dois juntos seguram o pano e limpam a mesa.”

Num outro dia, no mesmo bairro desta cidade, em uma creche pública, a Turma do Peixinho da mesma faixa etária, também interrompe sua brincadeira para ir almoçar e vive outro tipo de experiência:

“As crianças de dois anos estão brincando no parque da jabuticabeira, um pequeno parque que fica na lateral da escola, onde ficam alguns brinquedos como escorregador, balanço e gira-gira. A jabuticabeira fica no centro da área, e como é pequena faz apenas uma pequena sombra a sua volta.

A professora Élide, da Turma dos Peixinhos, chama todos para irem almoçar: “Crianças é a hora do almoço! Vamos para o refeitório?”

Ela abre o portão vai caminhando lentamente em direção ao refeitório, as crianças vão correndo atrás dela, as duas monitoras auxiliares dessa turno Mônica e Bianca vão chamando quem ainda não foi. Uma menina senta no chão e Mônica lhe diz: “Marina, pode levantar que ninguém vai carregar você não! Vamos logo porque senão você vai ficar sem almoço.”

A menina logo se levanta e corre para alcançar sua amiga que seguia adiante. A professora pede para as crianças irem se sentando na frente da pia, que fica dentro da escola ao lado do refeitório, chama três de cada vez para lavar as mãos.

Quem já lavou as mãos é autorizado a ir para o refeitório. Chegando lá, as crianças sentam-se nas cadeirinhas, diante da mesa. A monitora, que já está lá, coloca um prato com feijão e arroz para cada uma. Dois meninos começam a brincar de bater na mesa com as colheres, a monitora Bianca com voz grossa e expressão brava fala para um deles: “Senta nessa outra mesa Gabriel, o Vitor fica te distraindo e você não come nada.”

Ela pega o Gabriel pelo braço e o coloca sentado à mesa que está vazia.

A professora e as monitoras começam a servir os outros alimentos como carne e salada, perguntando para cada criança se elas desejam comer. Quem não quer não precisa comer. As crianças comem enquanto conversam com os amigos ao lado. Os adultos, em pé, observam as crianças e conversam entre eles sobre

assuntos da escola ou não. Às vezes, alguém chama a atenção de uma ou mais crianças dizendo: "Senta direito!"; "Come logo isso, menino!"; " Não brinque com a comida!"

Nesse momento, uma menina começa a chorar baixinho. Nenhuma das monitoras e nem a professora ouviram. A monitora da outra turma, que também estava no refeitório mais longe, percebeu o choro da menina e como já a conhecia dirige-se a ela "Ah, Marina, pode parar com esse choro e coma sua comida." A professora Élide percebeu a situação e comentou com as monitoras da turma: "O que essa menina tem, gente, que não para de chorar?". Uma das monitoras foi falar com a menina: "Porque você está chorando? Agora é hora de comer." A menina não fala nada e continua chorando. A monitora ao chegar bem perto, percebe que a mãozinha da menina está presa na armação da cadeirinha e grita escandalizada: "Gente! A mão dela está presa. Calma, Marina! Vou soltar sua mão". A outra monitora comenta "Nossa, eles conseguem enfiar a mão em cada buraco, né?" A menina volta a comer sem chorar. Quando todos estão acabando suas refeições, as monitoras recolhem os pratos e limpam a mesa para servir a sobremesa."

Ao ler essas duas cenas o leitor pode perceber a diferença nas relações estabelecidas entre adultos e crianças em cada situação. No primeiro relato as crianças testam as professoras, não obedecem, correm para não serem pegas, fazem birra e exigem uma atenção diferenciada dos adultos, reclamando logo quando estão incomodadas. Estes procuram conversar com a criança para tentar entender seus motivos, mostrando, ao mesmo tempo, que há comportamentos que não são admitidos. Fica claro que existe uma relação estreita entre eles. Já no segundo relato, as crianças parecem ser mais obedientes, logo que são chamadas seguem a professora que, com frases curtas e diretas, impede que qualquer criança conteste sua ordem. São usadas diretivas para corrigir os alunos, as relações entre adultos e crianças parecem ser mais distantes, como mostra o fato do adulto responsável não ter se movido na direção da criança para tentar compreender o motivo pelo qual ela estava chorando, enquanto que esta não falava sobre o seu problema.

Considerando que nas duas creches as atividades oferecidas para as crianças são bastante similares e que as professoras e monitoras possuem formação semelhante, procurei associar as diferenças de comportamento tanto das crianças quanto

dos adultos à concepção de socialização e educação em vigor num e noutro ambiente, buscando identificar tais concepções e entender porque são diferentes.

A partir da observação e descrição da rotina da turma de dois anos em cada ambiente escolar, questionários respondidos pelos pais para identificar a classe social e uma pesquisa dos textos e discussões que existem sobre o assunto, analiso as mensagens socializadoras nas duas creches relacionando-as com a classe social das famílias que se servem de cada instituição.

Para fazer a análise, apoiei-me bastante no trabalho desenvolvido por Annete Lareau (2007) sobre as diferenças de valores entre as classes sociais na criação dos filhos. A partir da maneira como os pais educam seus filhos, Lareau define os conceitos “cultivo orquestrado” e “crescimento natural” que utilizo como ferramentas para compreender o contexto socializador em cada uma das creches.

Como mostra Annete Lareau (2007), no seu estudo que procurou entender alguns dos mecanismos pelos quais os pais de classe média transmitem vantagens aos filhos, a classe social tem um impacto importante sobre a maneira como são organizadas as relações entre adultos e crianças no interior das famílias.

Por meio de entrevistas aprofundadas e de observações das atividades das famílias, a autora mostra que os pais de diferentes classes sociais diferem na maneira como vêem seu papel na vida dos filhos e como percebem a infância, dando origem a diferentes estilos de educar as crianças.

As estratégias de criação estão interrelacionadas com as experiências de vida, com os recursos (incluindo os econômicos, mas também os simbólicos), com as condições ocupacionais e o passado educacional dos pais.

As famílias de classe média, segundo Lareau (2007), tendem a se ajustar à lógica do “cultivo orquestrado”. Os pais consideram importante a transmissão de muitos tipos

de habilidades aos filhos e para isso organizam o dia das crianças com atividades variadas. Enfatizam o desenvolvimento e o uso da linguagem e valorizam o diálogo e o convencimento quando decidem impor as regras que consideram necessárias. Estes pais dão escolhas para os filhos e negociam o bom comportamento.

Os pais de classe trabalhadora e os pais com poucos recursos econômicos, em situação de pobreza, concentram seus esforços no oferecimento de amor, comida e segurança, acreditando que, assim, o filho irá crescer e ser bem sucedido. As crianças têm bastante tempo livre para brincar, os pais servem-se de ordens diretas para instaurar as regras, não oferecem explicações fundamentadas e normalmente não admitem confronto ou argumentação. Lareau (2007) denominou essa modalidade de socialização de “crescimento natural”.

Os padrões associados a cada uma dessas abordagens têm conseqüências concretas para a vida diária das famílias. As crianças de classe média logo tomam consciência de suas habilidades e se diferenciam dos irmãos e dos amigos, sentem-se especiais e merecedores de toda a atenção e estímulo que os adultos podem lhe dar. Lareau mostra que essa abordagem de “cultivo” proporciona diferentes tipos de experiências para os filhos, criando, no entanto, um ritmo de vida frenético para os pais que estão constantemente a serviço dos filhos, precisando cumprir os horários de uma rotina bastante intensa e ainda estar disponível para uma atenção particular em casa. As crianças utilizam suas habilidades de racionalização para persuadirem os adultos a fazerem suas vontades, e são sutilmente ensinadas a sentirem-se como possuidoras de direitos.

Nas famílias de classe popular, os pais estabelecem limites e, dentro deles, as crianças ficam livres para decidir o que fazer em seu tempo livre. Elas são subordinadas aos pais e eles as ensinam implícita ou explicitamente a manter distância de pessoas que

ocupam posições de autoridade, a desconfiar das instituições e até a resistir à autoridade oficial. As crianças, de uma certa forma, absorvem o sentimento dos pais de impotência em suas relações institucionais.

Discutindo esses resultados, Lareau (2007) procura mostrar as consequências disto para a desigualdade social, argumentando, em primeiro lugar, que é um erro considerar qualquer uma das abordagens como intrinsecamente desejável, já que cada uma delas, quando examinada de perto, está associada a desafios diferentes. No caso das classes médias, ela mostra como o padrão de cuidado dos filhos resultam numa exaustão associada a uma maternidade intensiva. Além disso, ela argumenta que essas crianças não sabem o que fazer em seu tempo livre, parecendo muito mais dependentes dos pais para solucionarem as experiências de tédio. Por outro lado, no que diz respeito às famílias dos grupos populares, para elas, sobra mais tempo livre que é utilizado, por exemplo, para visitarem parentes e amigos e as crianças sempre se ocupam com algumas de suas brincadeiras.

Não é difícil aplicar os conceitos definidos por Lareau (2007) ao comportamento dos pais e ao que foi apresentado como processos socializadores em cada uma das creches analisadas.

Identificamos, na creche particular, pais que fazem questão de incentivar o filho a contar acontecimentos ou falar sobre seus sentimentos e preferências, além de estarem sempre fazendo acordos com os pequenos. Esses pais têm uma forte presença na creche e querem saber quais atividades seus filhos realizam, o que ele comeu, como se comportou durante o dia, se estava bem, se estava nervoso, triste ou feliz .

A creche privada responde muito bem às expectativas desses pais, pois além de ter um horário flexível que se adapta sem grandes problemas às necessidades da família, transmite os valores que eles acham importantes para a vida do filho.

As educadoras organizam e regulam as atividades das crianças que estão sempre monitoradas por um adulto. Estes propõem escolhas para as crianças e fazem longas explicações sobre o mundo. Elas obtêm a disciplina através do desenvolvimento da razão, valorizam as conquistas das crianças, elogiando pessoalmente seus acertos e apontando suas habilidades.

As crianças, por sua vez, sentem-se no direito de exigir uma atenção personalizada do adulto e chegam até usar artifícios como jogar-se no chão para conseguirem que suas vontades sejam realizadas, como foi visto no exemplo acima.

Na creche pública foi possível identificar pais menos preocupados em saber tudo o que o filho fez na escola. Para eles, o importante é saber se a criança está bem.

Assim como o movimento identificado nos pais, as monitoras e professoras obtêm disciplina através da autoridade, estabelecem regras bem definidas e corrigem as crianças através de frases diretas sobre o que podem e o que não podem fazer. As crianças aprendem a se virar sozinhas durante a rotina, adquirindo autonomia para resolver seus problemas sem depender tanto da intervenção do adulto.

Atualmente alguns estudos como: Faria (1999), Nascimento (2005) mostram a importância que a creche pode ter para a criança, pois é um ambiente de socialização onde ela convive com indivíduos de sua idade e é engajada em atividades e situações favoráveis a seu desenvolvimento.

Entretanto, a creche ao ser reprodutora das diferenças de classe, reforça na criança, desde pequena, maneiras de se comportar socialmente que desencadeiam no indivíduo, o que sugere Lareau (2007), sentimentos de direito e constrangimento.

Ao traçar conexões entre a classe social dos membros das famílias pesquisadas e as experiências deles fora de casa, com representantes de instituições dominantes como

a escola ou o consultório médico (instituições que são dirigidas por profissionais de classe média), a autora identificou que as famílias de classe média e alta, que utilizam como modalidade de socialização o “cultivo orquestrado”, encorajam nas crianças um sentimento emergente de direito com padrões de questionamento e intervenção obtendo resultados mais rentáveis do que suas contrapartes da classe popular, que utilizam como modalidade de socialização o “crescimento natural” e encorajam em seus filhos um sentimento emergente de restrição com padrões de receio e passividade.

A autora, então, dá como exemplo a relação das famílias com a escola do filho, de maneira que os pais de classe média sentem-se confiantes e com o direito de exigir que a escola dos filhos acomodasse suas preferências. Já os pais de classe popular, na relação com a escola sentem-se dependentes e muitas vezes, embora estejam em dúvida quanto à confiabilidade dos profissionais, preferem resolver seus problemas sem contar com eles. Lareau (2007) usa como exemplo um pai que, para resolver o problema de um garoto que está batendo em seu filho, ao invés de conversar com a professora como faria o pai de classe média, fala para o filho bater no menino sem que a professora veja.

Portanto, as estratégias empregadas pelos pais e filhos de diferentes classes não são igualmente efetivas criam fronteiras ou determinam o sucesso do sujeito, considerando que em nossa sociedade os profissionais das instituições dominantes são da classe média eles aplaudem a assertividade e rejeitam a passividade.

Atualmente, tornam-se especialmente relevantes, os estudos que abordam as diferenças de classes sociais a partir de um olhar que examina os processos pelos quais alguns grupos sociais são excluídos ou privados das arenas de distribuição das riquezas coletivamente produzidas na nossa sociedade. (Almeida e Presta 2008)

Não tive problemas para realizar a pesquisa no CEMEI (Centro Educacional Municipal de Educação Infantil), sempre fui muito bem recebida pela coordenadora e funcionários. Em nenhuma das vezes conversei com a diretora, pois me disseram que ela não trata esses assuntos e nunca a vi fora de sua sala. Quem permitiu a minha pesquisa foram a coordenadora e a vice-diretora da creche.

Meu primeiro contato com a creche foi no ano em que precisava realizar minhas horas de estágio obrigatório para a faculdade. Nessa época, fui à instituição e falei com a vice-diretora sobre minha intenção de realizar o estágio naquela instituição, apresentando uma carta de recomendação da Unicamp. Ela me disse para falar com a coordenadora e me deu o telefone dela, avisando que, como coordena duas creches, não seria muito fácil de encontrá-la sem marcar hora.

Conversei com a coordenadora por telefone e ela autorizou o estágio que cumpri ao longo do segundo semestre de 2007, indo à creche uma vez por semana. Em 2008, para a realização deste trabalho decidi voltar à creche para mais um tempo de observação. Entretanto, nesse período a coordenadora estava de licença maternidade e não havia uma substituta. Foi a mesma vice-diretora com quem eu havia tido contato anteriormente quem permitiu minha entrada na creche depois que eu lhe expliquei que estava realizando uma pesquisa comparada sobre as experiências educativas das crianças em creche pública e privada.

Eu não precisei apresentar uma nova carta de recomendação, como a apresentada em 2007 e não precisei assinar nenhum livro de estágio, como às vezes é pedido em outras escolas.

A coordenadora me perguntou que turma eu gostaria de observar e falei para ela que precisava ser a turma que reunia as crianças com mais de dois anos completos. A princípio ela me propôs uma turma que reunia crianças de um ano e meio,

mas quando informei que era relevante para minha pesquisa a idade das crianças, pois precisava comparar crianças na mesma fase de desenvolvimento, ela me encaminhou à sala da professora Élide.

Frequentei a escola duas vezes por semana durante quatro semanas.

A professora Élide, da turma em que fiz minhas observações, ficou bastante interessada pela pesquisa e me ajudou bastante tanto no contato com os pais, quanto permitindo que eu ficasse observando seu trabalho com as crianças e fazendo as anotações. Fornecia-me longas explicações a respeito de seus métodos, sempre muito solícita ao que eu lhe perguntava. Não parecia incomodada com a minha presença.

Eu procurava interferir o menos possível no ambiente, ficava sentada em algum cantinho longe das crianças que, ocasionalmente, vinham me perguntar o que eu estava fazendo. Eu respondia que estava anotando tudo o que estava acontecendo e elas não perguntavam mais e eu acabei me envolvendo muito pouco com elas.

Conversei também com as monitoras da turma, explicando sobre a pesquisa e que eu precisava escrever sobre o comportamento das crianças, entretanto elas ficavam visivelmente incomodadas com a minha presença e sempre me pediam ajuda, o que nunca recusei.

A outra instituição utilizada para a realização desse trabalho foi a escola de educação infantil em que trabalho há quase 3 anos. Meu trabalho sempre foi acompanhado de perto pela diretora da escola, assim como ela faz com todos os funcionários. Isso é possível, pois trata-se de uma escola pequena que recebe em média um total de 45 alunos.

A diretora, que é a dona da escola, faz uma entrevista particular com todos que procuram por estágio ou emprego. É ela quem orienta os professores e estagiários, chama todos de educadores, cuidando para que partam dos mesmos

objetivos e trabalhem de forma parecida. No início, quando o estagiário está começando, ela segue de perto as atividades e trata esse período como “adaptação”. Talvez por isso seja razoavelmente comum que várias estagiárias desistam logo no início.

Quando conversei sobre minha pesquisa, ela ficou bastante interessada e me deu acesso aos documentos da escola. Entretanto, explicou que seria difícil eu fazer uma pesquisa de campo apenas observando a rotina das crianças no período em que elas estão com a outra educadora, pois como sou também educadora da turma, as crianças iriam me requisitar.

Dessa forma, procurei me manter afastada do ambiente em que as crianças estavam, ficava na sala da frente, e olhava pela porta o que acontecia. No entanto, consegui realmente ser só observadora durante poucos dias, pois a educadora da turma, como é chamada a monitora Cláudia, ficava incomodada com a minha presença apenas para observar e logo pedia minha ajuda. No caso dessa creche, posso dizer que o meu trabalho foi fundado mais numa “observação participante”.

2. DUAS ESTRUTURAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

2.1 SITUAÇÃO LEGAL

A creche pública é hoje um Centro de Educação Infantil Municipal, da prefeitura de Campinas. No entanto, foi fundada por uma fundação filantrópica para famílias de baixa renda². A partir do decreto nº 11.051 de 23 de dezembro de 1992, a prefeitura da cidade, reagrupou as unidades sócio-educacionais destinadas ao atendimento de crianças na faixa etária de 3 (três) meses a 7 (sete) anos, de maneira que os Centros Infantis (C.I.) e Creches passaram a ser os CEMEIs e as Pré-Escolas e antigas EMEIs passaram a ser EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil).

Todos os anos o CEMEI se confronta com uma longa fila de espera composta por famílias que desejam matricular seus filhos. Pelas regras em vigor, qualquer criança que more em Campinas pode ser matriculada em qualquer CEMEI³, independente de onde more e independente de sua renda familiar. A lista de espera é determinada por ordem de chegada.

A creche privada, por sua vez, consta na relação das instituições privadas de Educação Infantil do Município de Campinas, autorizadas e supervisionadas pela Secretaria Municipal de Educação, conforme previsto na Lei Municipal Nº8.741/96 e Portaria SME Nº14/96.

Para a apresentação das duas instituições, adaptei o quadro sinóptico organizado por Rocha e Perosa (2008), em um artigo no qual também faziam uma comparação entre duas escolas. Esse quadro permite que o leitor tenha o panorama preciso sobre

²Dados fornecidos pela vice-diretora da escola.

³Dados fornecidos pela secretaria do Núcleo de Ação Escolar Descentralizado da região norte de Campinas, responsável pela regulamentação das escolas da região norte da cidade.

algumas características da estrutura de funcionamento dos dois lugares, nos quais as relações analisadas acontecem.

| | Creche pública | Creche particular |
|---------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fundação. | 1981, creche fundada por uma fundação filantrópica para famílias de baixa renda. | 1996, creche fundada por uma sociedade particular (sociedade ou pessoa?). |
| Número total de alunos. | 120 | 45 |
| Número total de alunos na turma de dois a três anos em cada creche: | 30 alunos | 15 alunos |
| Equipe escolar: | Composição: 1 diretora, 1 vice diretora, 1 orientadora pedagógica, 1 coordenadora, 4 professoras, 26 monitoras, 5 serventes, 1 vigilante. | Composição: 1 diretora que também é orientadora pedagógica, 2 professoras, 3 monitoras, 2 estagiárias, 1 professor de música, 1 professor de expressão corporal. |
| Refeições: | <ul style="list-style-type: none"> • 4 refeições por dia • Preparadas na escola pelas cozinheiras. • Há bastante variedade no cardápio. | <ul style="list-style-type: none"> • Assim como na creche pública: 4 refeições por dia. • Preparadas na escola pela cozinheira. • Há bastante variedade no cardápio. |
| Professoras e Monitoras para a turma de 2 à 3 anos: | <ul style="list-style-type: none"> • 1 professora e 4 monitoras. • A professora e 2 monitoras freqüentam o período da manhã e outras duas monitoras à tarde. • Formação: Professora: ensino superior completo (formada em uma faculdade privada em Campinas) Monitoras: 3 possuem | <ul style="list-style-type: none"> • 1 professora, 1 estagiária, 1 monitora. • A monitora freqüenta todo período e a professora e estagiária se revezam (manhã/tarde). • Formação: Professora: ensino superior completo (formada em uma faculdade privada em Campinas) Monitora: ensino |

ensino médio completo e
1 possui ensino superior
completo (Fonoaudióloga
formada em uma
faculdade privada em
Campinas)

Médio completo.
Estagiária: ensino
superior incompleto.
(formando-se Pedagoga
na Unicamp.)

2.2 Estrutura física.

O CEMEI possui áreas internas e externas bastante amplas, sua estrutura física é toda plana de fácil acesso às crianças bem pequenas. As paredes são limpas e pintadas de cores claras, a escola é mantida limpa, as classes são enfeitadas pelas professoras com móveis e motivos infantis, na entrada da sala da turma dos peixinhos há um pequeno mural, preso a uma alta altura, com vários peixinhos colados e em cada peixinho há uma foto 3x4 de cada aluno da turma. É um ambiente agradável e alegre.

A creche privada possui uma área bem menor, mas ambientes amplos. Como foi construída em terreno irregular possui alguns degraus logo no portão de entrada da escola e na entrada externa para o refeitório, de modo que quando as crianças saem do parque para o refeitório precisam subir altos degraus, o que dificulta um pouco o acesso delas. A escola está sempre muito limpa e suas paredes são pintadas com diferentes cores em cada ambiente. Nas paredes do corredor e das classes estão expostos fotos e atividades feitas pelas crianças, na porta de cada classe tem uma foto de tamanho médio de cada aluno da turma. É também um ambiente alegre e agradável.

Através do quadro sinóptico II pode-se ter uma comparação mais detalhada dos espaços físicos.

Instalações físicas:

Classes

- 4 classes; As classes são ambientes amplos e claros.
- No canto da sala há empilhadas mesas e cadeiras para crianças.
- No armário ficam variados brinquedos.

Creche particular

- 4 classes; As classes são ambientes amplos e claros, em todas as janelas há rede de proteção para mosquito.
- As mesas e cadeiras para as crianças também ficam empilhadas no canto.
- Os brinquedos no armário são de variedade e quantidade menor que os da creche pública.

Banheiros

- 3 banheiros para crianças e 1 para adultos.
- Os banheiros são limpos.
- Os das crianças possuem pias baixas e vasos sanitários pequenos, e um cumprido corredor com 3 chuveiros para eventualmente ser dado banho nas crianças.

- 3 banheiros para crianças e 1 para adultos.
- Os banheiros são limpos.
- Os das crianças possuem adaptador infantil para ser colocado no vaso sanitário de adultos e um tablado em volta da pia para dar acesso às crianças,
- Um dos banheiros possui um pequeno Box com apenas um chuveiro usado diariamente para dar banho nas crianças

Cozinha

- Cozinha bem equipada
- o acesso é restrito para todos.

- Cozinha bem equipada
- o acesso é restrito só para as crianças.

Sala de vídeo

- possui uma grande televisão, um aparelho de DVD e filmes infantis para assistir.

- Assim como na pública: possui uma grande televisão, um aparelho de DVD e filmes infantis para assistir.

Lavanderia

- 1 lavanderia para a lavagem de roupas de cama e banho que são fornecidas para as crianças utilizarem na creche.

- 1 lavanderia para lavar panos de chão, sendo que as crianças utilizam suas próprias roupas de cama e banho que trazem para a escola toda segunda-feira e levam para ser lavado em casa nas sextas-feiras.

Sala da diretora, biblioteca e outros.

- 1 sala da diretora
- 1 biblioteca com 3 estantes com altura baixa, e duas mesas pequenas com cadeiras para crianças pequenas.
- 1 hall de entrada onde tem uma mesa em que fica a vice-diretora recepcionando quem chega
- 1 sala ambiente com muitos tipos de brinquedos.
- 1 galpão, pátio amplo cimentado equipado com 15 motocas, um grande brinquedo com escorregador, uma casinha de bonecas e uma lousa com giz

- 1 sala da diretora que é também a biblioteca com duas estantes baixas para dar acesso às crianças e tapete no chão.
- 1 hall de entrada com dois sofás.

Almoxarifado

Armário que contém os materiais necessários para as atividades das crianças.

Assim como na pública: armário que contém os materiais necessários para as atividades das crianças.

Parque

- 2 parques; 1 deles bem grande e outro pequeno comparado ao outro, que são utilizados por todas as crianças da creche.
- Equipados com muitos

- 2 parques; 1 de tamanho médio⁴, utilizado pelas crianças de 2 à 5 anos, e outro menor para as crianças até dois anos.
- equipados com

⁴Com referência ao parque grande da creche pública.

brinquedos como balanços, escorregador, casinha de bonecas e gira-gira. E um tanque de areia, pequeno, no parque grande.

brinquedos como balanços em cada parque, um escorregador grande no parque maior e um pequeno no parque menor, uma casinha de bonecas e um tanque de areia em cada parque.

Analisando o quadro sinóptico podemos perceber que não faltam brinquedos e ambientes variados nas duas instituições, sendo que o CEMEI possui uma área muito maior, portanto, tem uma variedade maior de espaços para brincar. As duas creches estão muito bem equipadas e tudo bem conservado, presenciei nas duas instituições trocas de brinquedos quebrados por brinquedos novos, troca de colchões velhos por novos colchões.

2.3 Organização do trabalho

As regras colocadas para as famílias do CEMEI são bastante rígidas. As crianças possuem um caderno de recados que deve ir e voltar da escola todos os dias, sendo que nas primeiras páginas estão anexadas as regras gerais da escola, definidas pela direção. Entre essas regras, consta: não são permitidos atrasos por mais de meia hora; a mochila da criança deve apenas conter roupas, escovas de dente e cabelo, sabonete e toalha de banho, a criança deve chegar desperta à escola e se estiver com febre os pais ou responsáveis serão chamados. Todos freqüentam o período integral,

A creche privada é bastante flexível frente às necessidades expressas pelas famílias e, apesar de haver regras como uso obrigatório de uniforme ou dia específico para a criança levar brinquedo, a quebra das regras é bastante tolerada. Além disso, os pais têm liberdade para escolher o horário de freqüência do filho que pode ser

o período inteiro ou meio período, e não há problemas se a criança chegar atrasada. As regras são comunicadas aos pais no começo do ano através de uma circular formal que apenas indica as regras, de maneira parecida com o que está anexado nos cadernos do CEMEL. Entretanto, o que mostra a diferença de importância dada às regras, é que se faz questão, na creche municipal, que os pais tenham diariamente acesso a elas.

Foi permitido meu acesso aos projetos político pedagógicos com a recomendação de que eu não poderia retirar o documento da instituição nem poderia fazer cópia.

Os dois projetos são bastante parecidos no que diz respeito ao acolhimento oferecido às crianças, consideram que os cuidados que visam a promoção e o desenvolvimento orgânico não estão separados das atitudes e dos procedimentos que ajudam a criança a construir o conhecimento sobre a vida sócio-cultural. Os fundamentos teóricos utilizados nos dois projetos têm influência sócio-interacionista, sendo que ambos fazem referência a Vygotsky (1998) e indicam que é na relação com o outro, numa atividade prática comum por intermédio da linguagem, que o sujeito se constitui e se desenvolve. No projeto do CEMEI destaca-se o respeito aos Direitos das Crianças, indicando como obrigação dos adultos envolvidos no trabalho o respeito a elas.

As duas creches possuem formas de trabalho parecidas, como a divisão das turmas por idade e um projeto feito pela professora de cada turma para o ano letivo.

O projeto feito pela professora Élide para a Turma dos Peixinhos, formada pelas crianças de 2 à 3 anos, é “O Planeta Feliz”, cujo tema principal é meio ambiente. O projeto idealizado para a Turma dos Insetos, formada pelas crianças de 2 a 3 anos de idade é “O Mundo dos Pequenininhos” e foi feito pela estagiária com o auxílio da professora que é também diretora e proprietária da escola. Ao ler os projetos para as

duas turmas percebi semelhanças no que diz respeito principalmente ao reconhecimento da importância de a criança se conhecer para conhecer a sociedade em que vive, esses temas se refletem na prática das professoras e monitoras de ambas as creches. Entretanto, o projeto da Turma dos Insetos foi criado a partir do interesse que as crianças apresentam pelos bichinhos pequenos enquanto que o projeto da Turma dos Peixinhos não se justifica pelo interesse das crianças, mas pelo que a professora acha relevante estudar.

Nesse último quadro sinóptico podemos observar as semelhanças e diferenças entre a rotina fixa de cada turma que é anexada em um mural na classe da Turma dos Peixinhos, da creche pública, e na parte de dentro da porta do armário na classe da Turma dos Insetos, da creche privada.

Rotina fixa diária da turma de 2 a 3 anos em cada instituição:

- A rotina no CEMEI é composta por horários fixos.
- Todas as turmas da escola revezam os ambientes, sendo que de meia em meia hora a turma vai brincar em outro lugar,
- Os horários são fixos para que todas as turmas brinquem em todos os ambientes
- As turmas nunca ficam juntas.
- A rotina possui alguns horários propostos, mas flexíveis de acordo com o que o educador considerar mais apropriado para cada dia.
- Cada turma tem uma sala. Quando vão ao parque as crianças dividem o espaço com as turmas das crianças mais velhas de 3 à 4 e de 4 à 5 anos de idade.

Horários:

- (8:30h) Lanche da manhã
- (9:00h) Atividades pedagógicas
- (10:00h) Brincadeira livre em ambientes variados.
- (10:30h) Almoço e logo após escovam os dentes.
- (11:30h) Descanso
- (13:30h) Lanche da tarde
- (14:00) Brincadeira livre em ambientes variados.
- (9:30) Lanche da manhã
- Atividades pedagógicas, logo após brincadeiras livres no parque ou na sala.
- (11:30h) Almoço e logo após tomam banho e escovam os dentes.
- Descanso
- Lanche da tarde (não tem horário fixo?)

- (15:30) Jantar e logo após escovam os dentes.
- (16:30) Brincadeira livre até chegar o responsável que busca a criança
- Atividades pedagógicas e logo após brincadeira livre no parque ou na sala.
- (16:30) Jantar e logo após escovam os dentes;
- Brincadeira livre ou organizada pela diretora da escola até chegar o responsável que busca a criança.

Ao comparar todos os aspectos gerais apresentados, pode-se perceber que as duas creches têm em comum a realização de atividades como brincar no parque, assistir vídeos, ir à biblioteca, fazer a higiene, comer e dormir, dispõe de um espaço físico bastante similar e de professoras e monitoras com mais ou menos a mesma formação.

Para obter informações sobre as famílias das crianças pesquisadas, elaborei um questionário no qual os pais responderam sobre ocupação e escolaridade dos pais e mães.

O questionário na creche pública foi entregue aos pais pela professora da turma, que os colocou no caderno de recados, da turma de 30 alunos, 16 pais responderam. A professora disse que os pais participam muito pouco e que poucos responderiam, pois o portfólio que ela pediu para os pais fazerem apenas 5 famílias entregaram. Quando propus de eu conversar com pais na hora da entrada ou da saída para pedir que respondessem, ela disse que se ela pedisse era mais fácil de os pais responderem que, em uma outra ocasião em que uma estagiária pediu para que respondessem um questionário, apenas quatro ou cinco responderam e perguntaram muitas vezes para ela se precisava responder. Dessa forma, deixei que meu contato com os pais acontecesse com a mediação dela, legitimando para eles a minha pesquisa.

3 - DUAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

Para observar como acontece a socialização dos alunos nas creches, montei um guia de observação a partir dos itens analisados por Margaret K. Nelson e Rebecca Schutz (2007) quando realizaram uma pesquisa mais extensa que esta sobre os cuidados oferecidos às crianças em duas diferentes instituições de educação infantil nos Estados Unidos. São os seguintes itens: a prática das educadoras, o modo como as crianças interagem entre si, a maneira como estas são corrigidas e elogiadas, como reagem às frustrações e a relação entre escola e pais e pais e filhos. Para apresentação neste trabalho utilizei algumas cenas retiradas do caderno de campo para analisar as atividades propostas, a disciplina colocada e a construção da criança e o mundo.

3.1 Rotina

3.1.1 Atividades propostas

Na creche pública, a maior parte do tempo é usado para brincadeiras livres desenvolvidas por iniciativa das próprias crianças que brincam em diferentes ambientes como o galpão, o parque, a sala de vídeo e a sala da turma. O dia-a-dia é marcado por horários fixos em cada ambiente.

“As monitoras e professora tiram do armário e colocam no chão brinquedos para as crianças. Há bonecas com roupinhas para trocar e pequenos bichos de borracha: elefantes, tigres e girafas. Elas se sentam e observam as crianças brincarem enquanto conversam sobre variados assuntos.

Cada um brinca à vontade. Algumas crianças brincam sozinhas, outras em pequenos grupos de duas ou três, e não necessariamente brincam com os brinquedos, alguns meninos estão se divertindo rolando pelo chão.”

A professora está presente sempre no período da manhã e realiza com as crianças algumas atividades dirigidas. Todos os dias ela promove a roda da música: faz uma roda com a turma e cantam muitas músicas escolhidas por ela, aleatoriamente. É importante ressaltar que com essas crianças não é realizada a roda da conversa,

atividade muito comum nas creches e instituições de educação infantil, na qual cada criança tem seu espaço para falar algo sobre determinado assunto ou sobre assuntos variados. A roda música foi a atividade mais parecida com a prática da roda da conversa que pude observar durante o tempo em que estive nessa creche.

Nessa roda da música a professora incentiva as crianças a cantarem e fazerem os gestos que ela ensina, em algumas músicas pede para as crianças falarem algumas frases, sendo que as crianças reproduzem a fala e os gestos que ela ensina.

“As crianças da Turma dos Peixinhos estão brincando com panelinhas e bonecas quando a professora Élide pede para ajudarem a guardar o brinquedo para depois fazer a roda.”

Quando todos os brinquedos já foram guardados ela começa a cantar: “Ô abre a roda tindolelê, ô abre a roda tindolalá. Todos sentando tindolelê, todos sentando tindolalá.”

As crianças vão dando as mãos para a roda e em seguida sentam cantando. A professora olha para a monitora Bianca e fala: “Já estamos na roda e tem criança que ainda está voando.”

Bianca levanta para pegar as crianças que não estão na roda, uma delas está em baixo da mesa deitada a monitora lhe diz: “Vamos! Todo mundo tem que sentar, se fosse para ficar dormindo eu também tinha ficado em casa.”

Élide começa a cantar uma nova música: “Bom dia Jaqueline como vai?”. Durante a música cada um na sua vez deveria responder tudo bem e fazer sinal de positivo, mas Rodrigo não falou nada e a professora insistiu: “Vamos Rodrigo é a sua vez, faz assim com o dedinho olha.” Ela pegou o dedinho dele e lhe mostrou como deveria fazer, ele sorriu e fez. Quando todas as crianças já haviam passado pela sua vez de dizer “tudo bem”, começaram uma nova música

Élide: Vamos agora cantar a música do martelo, quero ver todo mundo batendo com o martelo.

Enquanto canta ela faz os gestos da música a maioria das crianças imita seus gestos, todos parecem estar gostando muito e cantam a música bem animados. A professora comenta comigo: “Eles adoram essa música!”

No fim da música, depois de bater com o martelo, o Guto, personagem da canção, vai dormir. As crianças então fecham os olhinhos e fingem que estão dormindo. Logo já começam a cantar outra música, quando chega a hora do lanche e professora chama as crianças: “Crianças agora vamos lanchar, vamos fazer um trem para ir ao refeitório?”

As monitoras ajudam as crianças a fazerem um trem, e então cantam a música do trem até chegarem lá.”

Depois do lanche a professora realiza uma atividade pedagógica que dura mais ou menos 30 minutos, essa atividade contempla o projeto da turma, “O Planeta

Feliz”, mas a professora não conversa sobre isso com as crianças. Ela trabalha alguns temas durante o semestre e as atividades são relacionadas a esses temas, mas isso também não é conversado com as crianças e as atividades são apresentadas sem conexão entre elas. São atividades plásticas que utilizam diferentes materiais, como tinta e papéis variados. A turma, que é formada por 30 alunos, é dividida em grupos e, enquanto umas realizam a atividade, as outras continuam brincando. A cada dia, crianças diferentes são chamadas até que todas tenham realizado a atividade.

“A professora chamou sete crianças para irem à sala com ela: “Cada um pega uma cadeira e coloca aqui na mesa, vamos fazer uma joaninha.” As crianças sentaram e esperaram pelo que a professora as mandaria fazer. Ela distribuiu uma folha de papel em branco para cada uma e em seguida passou cola em semicírculos vermelhos e também distribuiu um para cada criança e mandou que colassem na folha. Enquanto as crianças colavam, no lugar que queriam colar, a professora conversava comigo. Ela dizia que alguns trabalhos dá para deixá-los fazer livremente, mas que alguns ela precisava orientar, como esse da joaninha que ela até pode deixar eles colarem o primeiro semicírculo sozinhos, entretanto o segundo ela precisa ajudar para que fique com cara de joaninha.

As crianças estavam gostando de colar, davam risadinhas entre si, mas não falavam nada, cada uma em sua vez sorria e escolhia o lugar que ia colar, algumas demoravam para escolher e a professora dizia: “Vamos pode colar aí onde você quer”. Quando as crianças acabaram de colar as joaninhas ela falou: “Viram, é uma joaninha. Depois vou colocar os olhos tá bom? Agora podem ir para o galpão que vou chamar outros amigos para fazer”

Na creche privada, todo dia as crianças realizam a roda da conversa com a participação das educadoras (monitora, estagiária ou diretora). As crianças sentadas em roda têm cada uma sua vez de falar. Às vezes a educadora propõe um tema, perguntando sobre algum assunto, outras vezes, não. As crianças falam o que quiserem. Se alguém não quiser falar não precisa, mas todas são incentivadas a pelo menos dizer oi para os amigos.

“As crianças sentam em roda, cada uma em sua cadeirinha, inclusive a estagiária Luana que espera todos sentarem para começar a falar: “Todos já estão na roda? Posso falar?” As crianças, antes mesmo de a Luana continuar falando, já começam uma conversa. Uma das crianças pergunta:

Luísa: *Luana, porque você chegou tarde hoje? A gente já dormiu.*

Luana: Vocês já dormiram? Quem bom! Estão bem descansados para brincar agora à tarde. Eu quero saber uma coisa, quem gostou do aniversário da Luísa?

Todas as crianças começam a falar ao mesmo tempo e Luana interveio: "Calma vamos começar pelo Bruno, conta pra gente, Bruno, você gostou da festa?"

Bruno: Eu dirigi um carro e comi bolo e comi brigadeiro.

Luana: Agora é a vez do Felipe, pode falar Felipe. O que tinha na festa? Você gostou?

Felipe: Bolo e brigadeiro.

Luana: Mais alguma coisa?

Felipe: Não.

Algumas crianças começam a falar sobre alguns brinquedos que tinha na festa. Diego não conseguia contar sua história porque todos falavam ao mesmo tempo e, bravo, falou para os amigos: "Calma amigos! Agora é minha vez de falar"

A estagiária interveio: "Não, Diego, ainda não é a sua vez, é a vez do Sérgio, ela segue, no sentido horário, a ordem em que as crianças estão na roda. Pode contar Sérgio o que você fez na festa?"

Sérgio: Não quero falar nada.

Luana: Mas você gostou de ir?

Sérgio: Sim.

Luana: Do que você mais gostou?

Sérgio: Eu não quero falar nada.

Luana: Então é a vez do Antônio, o que você quer contar para os amigos?

Cada criança na sua vez contava alguma coisa que gostou da festa que todos haviam ido, no dia anterior. João levantou da cadeira e correu para debaixo da mesa. A estagiária Luana que estava na roda continua conversando com as crianças enquanto a monitora Cláudia, que estava arrumando as bolsas das crianças, segurou o braço dele e disse que agora era a hora da roda conversa e o colocou sentado na cadeira, mas ele não queria sentar, empurrou a cadeira para longe e sentou no chão. As educadoras o deixaram ficar sentado ali onde queria.

Na vez de Diego falar, ele contou para os amigos o que lhe havia acontecido: "Amigos, eu tava no carrinho e sai do carrinho e coloquei o dedo na lanterna e doeu muito e coloquei o dedo na água, olha aqui ó...". Mostrou o dedinho queimado para os amigos que perguntaram:

Luísa: É o seu dodói?

Isadora: Sua mamãe passou pomada?

Diego: É, amigos, doeu muito.

A educadora perguntou para o Diego se ele queria contar mais alguma coisa e ele começou a contar outra história: "Sabia, pessoal, que o gigante comeu meu papai?"

Luana: Comeu seu papai? Mas, e agora, onde está seu papai?

Diego: Está trabalhando.

Luana: Ah, que bom! Então ele já está bem, né? Vamos agora deixar o Lucas falar que é a vez dele. Pode falar Lucas

Lucas: Tem um gigante na minha casa.

Luana: Tem um gigante? Mas e o que ele foi fazer lá?

Lucas: Nada

Luana: Ele ainda está na sua casa?

Lucas: Não, já foi embora.

Luana: Ah, então está bom.

A estagiária então lhes falou que agora eles iam fazer uma atividade de pintura e pediu para cada um pegar sua cadeira e colocar em volta da mesinha."

As crianças também realizam atividades pedagógicas que contemplam o projeto dessa turma: “O mundo dos pequeninos”. No primeiro semestre elaboraram o livro da vida, em cada página fizeram uma atividade de pintura ou colagem sobre a vida particular de cada um, a família, a casa, os gostos e as vontades. As educadoras (professora, estagiária e monitora) procuram conversar com as crianças sobre o tema que estão abordando, como por exemplo, durante a realização do livro da vida, as educadoras antes de cada atividade informavam que iriam fazer mais uma página do livro.

“A estagiária Luana pediu para todos colocarem as cadeiras à mesa porque iriam realizar uma atividade para o livro da vida. Então, depois que todos sentaram, ela distribuiu um pedaço de cartolina para cada um e colocou sobre cada mesinha algumas figuras de diferentes tipos de animais e dois pequenos copinhos plásticos com cola branca. Explicou que era para cada um escolher alguns animais e colar nessa página do livro, assim depois poderiam mostrar para os amigos e para a mamãe e o papai quais são alguns dos animais de que gosta. Nesse momento, uma das crianças retrucou:

Fernando: *Luana! Eu quero o coelho!*

Felipe: *Eu é que quero o coelho!*

Luana: *Olha, os dois podem escolher o coelho. Não precisa brigar! Aqui têm até quatro coelhos, vocês podem gostar do mesmo animal, eu também gosto de coelho.*

Luísa: *Você gosta de gatinho?*

Luana: *Eu gosto e você?*

Luísa: *Eu também.”*

Os trabalhos das crianças são sempre expostos para que todos vejam e no calendário escolar consta um dia de mostra cultural em que os pais vão à escola para ver as atividades que os filhos realizaram. Na creche pública os trabalhos são guardados no armário para serem entregues aos pais no fim do semestre.

Em alguns dias da semana, vai à escola um professor de música e outro de expressão corporal. Esses professores realizam atividades bem diferentes daquelas desenvolvidas pelas educadoras como, por exemplo, experimentar tocar violão ou rolar

pelo chão, momentos previstos na rotina da escola para desenvolver diferentes habilidades nas crianças.

No dia-a-dia das crianças existe um momento de brincadeiras livres, no parque ou na sala. Nesses momentos, a monitora e estagiária brincam junto com elas e é exigido que estejam o tempo todo atentas e participem das brincadeiras como incentivadoras da fantasia e imaginação, colocando novos elementos que vão estimular a criatividade, como por exemplo dizer que viu um rabo de lobo perto do balanço do parque.

3.1.2 Disciplina

As crianças na creche pública obedecem sem maiores protestos às ordens que lhes são dadas e parecem conhecer bem as regras em vigor em cada ambiente, raramente perguntando o que podem e o que não podem fazer. Elas realizam a rotina com tranquilidade. As professoras enfatizam todo o tempo (para mim, pesquisadora, e para elas, crianças) que elas devem aprender realizar sozinhas atividades como comer, ir ao banheiro, escovar os dentes e tirar os sapatos. As crianças logo adquirem autonomia para irem sozinhas ao banheiro ou à sala para buscar algo em sua bolsa.

“Uma das monitoras estava sentada no chão entre os colchonetes. Para cada criança que saía do banheiro e entrava na sala, ela dizia que tirasse o sapato dos pés e fosse deitar no colchão. Uma das crianças que tentava tirar os sapatos disse: “Tia, eu não consigo tirar”. A a monitora respondeu: “Então você precisa aprender! Já está bem grande para isso. Senta no chão que fica mais fácil. Olha como os amigos estão fazendo.” Ela continuou sentada no seu lugar, enquanto a criança lidava com o sapato.

A professora e monitoras utilizam frases curtas e diretas para corrigir as crianças, como por exemplo: “Desça já daí.”, “Não bata no seu amigo”, “Come logo essa comida”. Pudemos acompanhar na cena das crianças indo para o almoço, na introdução deste trabalho, a professora e monitoras intervindo com diretivas para levar

as crianças a obedecer à ordem: *“Marina, pode levantar que ninguém vai carregar você não! Vamos logo porque senão você vai ficar sem almoço”*⁵

As educadoras da creche privada controlam estreitamente a atividade e movimentação dos alunos que nunca ficam sozinhos sem a supervisão de um adulto. Elas procuram manter a disciplina através conversas, tentando explicar por que não se deve ter determinados comportamentos e fazem acordos e combinados entre o grupo. Na roda da conversa existe um espaço para discutirem sobre regras como, por exemplo, não bater, não morder ou não fugir da sala. As educadoras conversam, tentando mostrar que esses comportamentos não são adequados e ensinando a utilizar outras estratégias para conseguirem o que querem como podemos analisar nessa fala da monitora Cláudia: *“A gente não precisa bater no amigo quando quer o brinquedo que ele está brincando, podemos pedir pra ele”*

Nos momentos em que as crianças apresentam estes comportamentos inadequados, as educadoras utilizam os mesmos argumentos já discutidos na roda da conversa, com o objetivo de mostrar para as crianças que não devem agir de determinada forma.

As crianças estavam brincando na sala com carros pequenos. Diego, ao ver Lucas brincando com o carrinho vermelho de que ele gosta, arrancou o carro de sua mão. Lucas, muito nervoso, bateu em Diego que começou a chorar e chamou a monitora Cláudia. Ela perguntou: “O que aconteceu Diego?” Ele disse que o amigo havia batido nele. A monitora, então, perguntou para Lucas o que havia acontecido e ele informou que o Diego tinha pegado o carrinho de sua mão. A monitora então falou: “A gente não pode pegar o brinquedo da mão do amigo e também não pode bater no amigo. Diego devolve o carrinho para Lucas e peça para ele emprestar o carrinho para você e você, Lucas, peça desculpas, pois você bateu no amigo. Se ele pegar o seu carrinho você deve vir me contar que eu vou conversar com ele, certo?”

⁵Ver a segunda cena descrita na introdução do trabalho.

3.1.3 A construção da pessoa e do mundo

As professoras e monitoras da creche pública costumam conversar o essencial com seus alunos. Quando fazem alguma pergunta pessoal como: “*Onde você foi durante o fim de semana?*”, muitas vezes as crianças abaixam o rostinho e não respondem, parecendo ficar envergonhadas. Pude presenciar muito poucos diálogos entre adultos e crianças, as conversas são diretas sobre assuntos da rotina.

“As crianças estão chegando à sala para dormir, depois de escovarem os dentes, mas a monitora Solange percebe que uma delas está com a boca suja e pergunta: “Mariana você escovou os dentes?”

Mariana: Ainda não.

Solange: Então, vai lá ao banheiro com a tia Élide.

Mariana: Eu vou pegar minha escova na bolsa.

Solange: Ah! Entendi, está ali sua mochila. Pode pegar.”

A professora e monitoras costumam contar histórias de livros ou inventadas por elas, esse é um momento de que as crianças parecem gostar muito, pois riem e ficam atentas prestando atenção em quem conta a história.

As crianças apresentam poucos momentos de birras, manhas e choros, pois as professoras e monitoras estabelecem uma relação de autoridade, que não dá espaço para a criança tentar enfrentar o adulto. Isso faz com que o ambiente na creche pública pareça muito mais organizado e tranqüilo do que o da creche privada, na qual o contato entre crianças e adultos parece mais estreito e íntimo. Embora ali os adultos estejam igualmente sempre propondo, organizando e regulando as atividades das crianças, estas reagem com birras, choros e manhas que marcam um enfrentamento constante entre crianças e adultos, sendo que elas parecem sentir-se bastante à vontade para expressar suas frustrações e descontentamentos. Para chegar a um entendimento com as crianças, os adultos oferecem escolhas a eles e fazem combinados.

“Todos estavam indo lanchar, mas Fernando não queria ir. A monitora Cláudia perguntou: “O que foi, Fernando? Por que você não quer lanchar?”

Fernando: Eu não quero ir.

Os pais da Turma dos Peixinhos, da creche pública, na hora de levar e buscar o filho limitam-se apenas a cumprimentar as monitoras, e apenas raramente fazem alguma pergunta para elas sobre como o filho passou o dia. O caderno de recados dessas crianças contém informações gerais da escola sobre eventos que acontecerão ou sobre a Associação de Pais e Mestres. Embora esteja estabelecido nas regras da escola que este caderno é o contato da escola com os pais, na Turma dos Peixinhos apenas dois ou três pais o utilizam para este fim. A maior parte das observações que esses pais escreveram, e que eu pude ler, referiam-se a reclamações sobre objetos perdidos e sobre a roupa suja não ter sido colocada no saco plástico.

Acompanhei uma reunião de pais em cada creche o que me permitiu entender melhor como está estabelecida a relação que as famílias mantêm com a escola.

A reunião de pais na creche privada aconteceu na escola no horário das 13:00h às 15:00h, as crianças estavam dormindo e a monitora da turma ficou na sala com elas.

Participaram da reunião a diretora da escola, a estagiária da turma e 9 famílias, sendo que duas delas estavam representadas pelo pai e pela mãe, as outras apenas pelo pai 1 ou pela mãe 6.

A reunião aconteceu na classe da turma das crianças mais velhas, que fica longe da sala onde as crianças estavam dormindo. Os pais e mães sentaram nas cadeirinhas infantis desta sala, colocaram-se em roda, serviram-se de café, água e bolachas. O ambiente era bem descontraído, os pais e mães, que já se conhecem de outras reuniões e de se encontrar no portão da escola, conversavam sobre diversos assuntos até que a reunião começou.

A estagiária falou sobre o projeto elaborado para trabalhar com as crianças, e entregou a todos uma cópia deste. Após a leitura, perguntou se havia

sugestões e dúvidas. Os pais e mães ficaram satisfeitos, todos falaram que estava muito bom. Um deles disse que é bom acompanhar os acontecimentos da escola para poderem em casa também chamar a atenção dos filhos sobre os assuntos estudados.

A diretora da escola perguntou para o pai e mãe de um aluno novo como está sendo para a família a nova escola se eles estão gostando e os pais apontam novos comportamentos que observaram no filho. Nesse momento outros pais também começam a apontar alguns comportamentos diferentes nos filhos, dizendo que ele “*está mais falante*”, “*passa muito mais tempo concentrado*”. Uma das mães, no entanto, começa sua fala pedindo conselhos a todos os presentes, pois estava aflita com a possibilidade de ter “traumatizado” o filho, pois gritou com ele de maneira que este começou a chorar, a partir desse momento os pais passaram a ser os atores principais da reunião discutindo sobre as dúvidas que tinham sobre como impor limites aos filhos. A diretora e a estagiária também participavam da conversa, entretanto mostrando aos pais como o limite é colocado na escola.

A reunião na creche pública aconteceu pela manhã, os familiares que chegavam para trazer os filhos já ficavam para a reunião que começou às 8:00h e foi realizada na classe da turma, as crianças, enquanto isso, ficaram no parque com duas das monitoras. As duas monitoras do período da tarde foram à escola de manhã por causa da reunião.

Os pais que chegavam podiam ir sentando nas cadeirinhas que já estavam dispostas em um círculo. Podiam se servir de café, leite com achocolatado e bolachas doces e salgadas. Estavam presentes na reunião a professora, duas monitoras e 17 famílias, 3 representadas por pai e mãe, todas as outras por pai (4), ou mãe (10),

A professora turma começou a reunião explicando sobre o projeto que está realizando com as crianças e pediu a ajuda dos pais com as atividades que serão

enviadas para as crianças fazerem em casa, pediu para que os pais estejam mais atentos ao caderno de recados para que o contato com a escola seja realmente estabelecido. E então perguntou se alguém tinha alguma dúvida. Uma das mães disse que gostou muito da iniciativa da professora de mandar atividades para serem feitas em casa, disse que gosta desse contato. Outra mãe disse que gostaria que a professora cantasse as músicas que elas cantam com as crianças, pois o filho dela sempre quer que ela cante, mas ela não sabe. A professora junto com as monitoras cantaram algumas músicas e o ambiente ficou bastante descontraído.

As monitoras também conversaram rapidamente com os pais pedindo para que eles coloquem nome em tudo que é enviado para a escola e que coloquem saquinhos plásticos na mochila para a roupa suja. A reunião durou 40 minutos, pois muitos pais precisavam ir trabalhar.

Na creche pública a reunião acontece de forma muito mais “diretiva” pedindo isso, instruindo aquilo, enquanto que na creche privada, as famílias é que, a partir de um certo momento, impõem a pauta, embora tratando a escola como fonte de informações e conselho.

As relações entre pais e filhos foram observadas nos momentos em que os pais vão buscar ou trazer o filho à escola. Não é difícil perceber que os pais da Turma dos Insetos, na creche particular, fazem questão de incentivar o filho a contar acontecimentos ou falar sobre seus sentimentos e preferências, além de estarem sempre fazendo acordos com os pequenos que exigem que seus pedidos sejam atendidos.

Quando Fernando viu sua mãe, Marcela, começou a chorar dizendo que não queria ir embora.

Marcela: O que foi filhinho?

Fernando: Eu não quero ir embora.

Marcela: Mas agora a gente precisa ir. A escola já vai fechar.

Fernando: Mas eu quero brincar mais com massinha.

Marcela: Você estava brincando com massinha? Que gostoso.

Fernando: Ah mãe, vem ver o que eu fiz!

Ele pega a mão da mãe e a leva para dentro da escola onde estava brincando com massinha.

Fernando: *Olha, mamãe, eu fiz um lobo.*

Marcela: *Nossa, que bonito seu lobo!*

Fernando: *Agora eu vou fazer um gigante.*

Marcela: *Filho a mamãe precisa ir embora agora e você tem ir junto, amanhã você pede para a Luana deixar você brincar mais com massinha.*

Fernando: *Não! Eu quero brincar mais agora. (começa a chorar)*

Marcela: *Olha só, vamos fazer um combinado. A gente precisa ir para nossa casa para comer e descansar, porque amanhã você tem que vir bem disposto para brincar mais com seus amigos. Então você termina o seu gigante e a gente vai. Combinado?*

Fernando: *Combinado mamãe.*

A mãe espera pacientemente o filho terminar o gigante, durante alguns minutos e então vão embora.

Os pais da Turma dos Peixinhos, da creche pública, quando buscam ou levam os filhos à escola abraçam, beijam o filho dizem tchau para os adultos da escola e perguntam se está tudo bem. Eles se mostram mais apressados para ir embora. Quando o filho não quer ir, os pais apenas lhe dizem alguma frase curta e direta, um comando, e o filho entende que está na hora de ir. Esses pais não ficam tanto tempo fazendo acordos com o filho, utilizam sua autoridade para manter a disciplina. Ficam satisfeitos ao verem seus filhos saudáveis e brincando e não fazem tantas perguntas a respeito do dia da criança nem para ela e nem para as monitoras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Na creche pública pode-se constatar que a prática da professora e monitoras promove relativamente poucos momentos em que é estimulada a fala e a imaginação das crianças, são poucos os diálogos estabelecidos entre adultos e crianças. É no momento em que a criança brinca livremente que ela usa sua imaginação e conversa com os amigos, as crianças constroem e compartilham fantasias por iniciativa própria. Já na creche privada o estímulo à fala e à imaginação determina a prática das educadoras, há um trabalho consciente em torno disso diariamente as crianças são estimuladas pelos adultos a conversar e criar um mundo de fantasias.

As relações que os pais estabelecem com a escola também evidenciam as diferenças nos modelos de educação dada aos filhos que freqüentam cada instituição. Os pais de classe média observados neste trabalho mantêm um relacionamento estreito com os profissionais da escola, discutem particularidades da sua relação com os filhos na reunião de pais. Os pais de classe popular interferem menos nas práticas educativas utilizadas na creche, preferem não discutir na reunião sobre aspectos individuais do filho.

O relacionamento entre pais e filhos, nos momentos em que pôde ser observado, revela marcas de “crescimento natural” nas atitudes dos pais da creche pública quando eles ao buscarem ou levarem o filho à escola estabelecem poucos diálogos com os filhos e naquele momento bastam-se em saber se está tudo bem. Os pais da creche privada, pelo contrário, quando buscam ou levam o filho à escola preocupam-se em nesse momento estabelecer longos diálogos com os filhos o que revela marcas de “cultivo orquestrado” na educação dada a estas crianças. No entanto com relação as relações dos pais e mães com filhos, é importante ressaltar que isso pede por mais pesquisas que possam estabelecer esse vínculo com mais segurança por meio

da observação intensiva das relações entre adultos e crianças no seio de famílias de grupos sociais diferentes.

Diferentemente, este estudo permitiu identificar algumas características parecidas com o que Lareau (2007), chama de “cultivo orquestrado” na educação das crianças que freqüentam a creche particular, como por exemplo, pais e educadores que procuram estabelecer diálogos com as crianças incentivando-as a serem questionadoras, e que controlam estritamente as atividades e movimentos das crianças que estão sempre com um adulto por perto, e características de “crescimento natural” na educação das crianças que freqüentam a creche municipal, como por exemplo, pais e educadores que utilizam diretivas como forma de disciplina e valorizam a brincadeira livre da criança.

A creche, ao se organizar para oferecer uma experiência educativa baseada nos valores de “cultivo orquestrado” ou “crescimento natural”, pode ser caracterizada como um instrumento que contribui para a reprodução das classes sociais, encorajando nas crianças da classe média sentimentos de direitos e nas crianças de classe popular sentimentos de restrição e impossibilidade. Como a sociedade em que estamos inseridos privilegia usuários ativos, informados e assertivos, os valores ensinados podem implicar em vantagens para as crianças de classe média, pois desde pequenas aprendem a questionar, exigindo seus direitos mesmo diante de autoridades instituídas profissionais como é o caso dos educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- LAREAU, Annete. **A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas.** Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 13-82. dez. 2007
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **A contribuição dos Parques Infantis de Mário de Andrade para a Construção de uma Pedagogia da Educação Infantil.** Educação e Sociedade, Campinas. SP, n.69,p.60-91, 1999.
- LEI MUNICIPAL Nº8.741/96 e Portaria SME Nº14/96. Prefeitura de campinas. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/bibjuri/dec11051.htm#incisoiv>> . Acessado em: 18 de novembro de 2008, às 7:25 h.
- NASCIMENTO, M. E. P. Dos cuidados maternos à especificidade da infância: modelos de atendimento em educação infantil. Educação & linguagem, São Paulo, v.8, n.12, p.120-134, 2005
- NELSON, Margaret K. and Schutz, Rebecca. **Day Care Differences and the Reproduction of Social Class.** Journal of Contemporary Ethnography 2007; 36; 281 DOI: 10.1177/0891241606293137
- PRESTA, S. ; ALMEIDA, Ana Maria F. **Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção social das disposições quanto ao futuro em jovens das camadas popular e média.** Educação e Sociedade, v. 29, p. 401-424, 2008.
- ROCHA, M. S. P. M. L. ; PEROSA, G. S. **Notas etnográficas sobre a desigualdade educacional brasileira.** Educação e Sociedade, v. 29, p. 425-449, 2008.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1998.